



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VANESSA PRESTES POLESE

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-558

Entrevistada: Vanessa Prestes Polese

Nascimento: 23/09/1994

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadora: Claudia Yaneth Martínez Mina

Data da entrevista: 22/05/2015

Transcrição: Luiza Loy Bertoli

Copidesque: Claudia Yaneth Martínez Mina

Pesquisa: Claudia Yaneth Martínez Mina e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 15 minutos e 46 segundos

Páginas Digitadas: 26 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Incentivo familiar; Inserção no futebol; Experiência em escolinhas; Formação esportiva; Professores e treinadores; Experiência esportiva na escola; Futsal na Educação Física escolar; Motivação; Experiência em competições estaduais; Futsal na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Trajetória esportiva.

Porto Alegre, 22 de maio de 2015. Entrevista com Vanessa Prestes Polese a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Boa tarde, Vanessa!

V.P. – Boa tarde.

C.M. – Muito obrigada por aceitar meu convite, para falar sobre a sua história de vida dentro do esporte. Primeiro eu quero saber, como você começou a jogar futebol, ou futsal? Quais são as suas lembranças sobre a primeira vez que bateu uma bola? Como o futebol apareceu na sua vida?

V.P. – Comecei a jogar, a ter contato com a bola com quatro anos de idade. Tudo foi influenciado pelo meu irmão, meu irmão é mais velho, e ele jogava numa escolinha em que ele era goleiro. Começou a treinar em casa e como só tinha eu e ele de criança, eu comecei a jogar e eu fui me interessando, foi aos cinco anos que eu fui para a mesma escolinha que ele, só que como ele era mais velho, a turma era diferente, mas jogávamos na mesma escolinha. Eu era a única guria entre os meninos, eu fui me destacando pelo fato de me esforçar, querer mais sobre o futebol; me interessava demais, porque desde os cinco anos, quando eu comecei a jogar na escolinha tinha o sonho de ser uma jogadora de futebol, que era a minha realização, que para mim, esse era o meu sonho de vida, ser uma jogadora profissional de futsal.

C.M. – E além de jogar com o seu irmão, você jogava em outro espaço?

V.P. – Sim, eu jogava no colégio e na própria escolinha, que tinha campeonatos fraldinha, dente de leite, que a disputávamos contra outros times da cidade e com outros times tipo associações perto dali, umas duas, três cidades, que dava uns 20 quilômetros de distância. A gente fazia um pequeno campeonato intermunicipal para jogar entre a gente.

C.M. – E antes do seu irmão levar o futebol para casa, você já jogava com os amigos na quadra?

V.P. – Ah! Eu jogava com o pessoal da rua. A gente fazia goleirinhas de chinelo, pegava uma bola e saía jogando. Ou ia ao pátio de alguma casa deles, passava a tarde inteira brincando.

C.M. – E com que frequência você jogava, era todos os dias?

V.P. – Eram todos os dias. Todos os dias eu estava com a bola no pé.

C.M. – Até quando você jogou na rua, com os amigos?

V.P. – Bah! Foi até uns dez anos, eu acho. De nove a dez anos a gente se encontrava para jogar, ia no parque jogar futebol, tinham as quadras do colégio, que a gente reservava, fechava um time e a gente ia jogar também. Sempre na ativa.

C.M. – Você falou que queria ser uma esportista profissional de futsal. Nessa época, esse era o principal motivo pelo qual você jogava?

V.P. – Não, eu nem pensava muito em ser, era um sonho mesmo. Mas eu jogava mais, porque eu gostava, porque era algo que me divertia, e ter os amigos ali, dava risada. Com o tempo foi ficando mais sério, mas quando eu era criança era um meio de integração entre as crianças. Quem jogava futebol todo mundo se conhecia, conhecia novas pessoas. Enfim, acho que é um belo meio de integração entre as crianças.

C.M. – E como era: meninos e meninas, só meninos e você?

V.P. – Só meninos e eu.

C.M. – E você também compartilhava com meninas da rua, do colégio?

V.P. – Não, as meninas ficavam mais do lado, pulando corda, brincando de boneca, andando de bicicleta, e eu lá jogando. Tinha, se eu não me engano, mais uma guria, que era

mais nova, mas depois de um tempo, ela demorou para entrar ali no time de futsal. Com isso, era eu e ela, e o resto tudo guri. Assim, tranquilo.

C.M. – Você praticava só futebol, e futsal, ou tinha outros esportes que praticava também?

V.P. – Não. Eu tinha desde os seis eu fiz vôlei, fui numa escolinha que tinha no colégio. Desde os seis eu também corria nas corridas de rua que tinha no município. Era por categoria. Entre essa categoria sempre chegava em primeiro, era sempre eu e a mesma menina que jogava futebol, ela corria também. Então era sempre eu e ela disputando os primeiros lugares da corrida.

C.M. – E você, por que jogava voleibol? Também gostava?

V.P. – Gostava. Eu acho que desde cedo eu gostei de qualquer tipo de esporte. Eu não me importava se fosse vôlei, futebol, handebol a gente não tinha muito contato ainda, nem com outros esportes. Mas o que mais tinha era futsal e vôlei. Mas eu nunca me importei, eu sempre gostei de ter contato com alguma bola, eu tinha que ter.

C.M. – Alguém da família incentivava você, além de seu irmão, para jogar futebol?

V.P. – Meu pai. Quando eu era criança, meu pai me incentivou até os onze, doze anos, que eu treinava com os meninos. Ele me incentivou demais, às vezes ele me levava para treinar, me levava para ir jogar nos lugares, ficava assistindo. Minha mãe nesse tempo era mais ausente em relação à motivação, de apoiar, porque ela achava que não era lugar de menina jogar, aquele preconceito de que menina tinha que ficar em casa, jogando vôlei, brincando de boneca, mas ela nunca desejou mal. Ela não gostava, mas respeitava que eu acho bem importante.

C.M. – E dentro dessas experiências jogando, tem algum acontecimento que você lembre que aconteceram nessa época da infância no esporte?

V.P. – Eu lembro uma, de uns tempos atrás eu estava me lembrando que eu comecei a jogar futsal na escolinha, teve um campeonato que era na quadra grande que a gente

treinava contra um outro time. E eu lembro que eu estava na lateral, eu passei por um guri e o pai dele gritou: “Ah! Tu vai deixar essa guria te passar?” E na hora eu nem me liguei, mas agora, percebendo, analisando assim:, *bah! como as pessoas são preconceituosas*, só porque é uma menina quer dizer que não tem capacidade de passar por uma criança da mesma idade que eu, só porque é menino. Eu acho que isso foi uma das coisas, acho que essa questão de ser menina foi uma das coisas que mais marcou. Todo mundo olhava para o time e via “só aquela menina jogando, será que ela é boa, será que ela não é?” Eu acho que foi o que mais me marcou na minha infância, foi essa questão de ser menina e estar jogando no meio dos meninos.

C.M. – Em que momento você começou a jogar na escolinha?

V.P. – Desde os seis anos de idade, comecei a treinar na escolinha e parei lá pelos onze, que foi quando o meu pai não quis mais, porque os meninos estavam entrando na adolescência, e ele tinha medo que acontecesse alguma coisa. Mas depois dos onze, dos onze para os doze, eu fiquei um tempo parada só brincando em projetos, jogando em projetos, os projetos são por um tempo. Depois dos doze aos treze eu comecei a treinar em um time que tinha na cidade de futsal feminino.

C.M. – Qual a cidade?

V.P. – Nova Prata, aqui no Rio Grande do Sul. Mas elas eram já adultas, umas tinham vinte e cinco, de vinte e cinco a trinta e cinco anos. E eu era a mais nova, tinha treze. E a gente começou a participar de campeonatos de verão que é famoso nas cidades pequenas, é o que atrai mesmo o público para ver o futsal; foi aí que eu comecei a treinar realmente, porque na final... A gente chegou à final, esse time da cidade contra um time de Caxias do Sul, em Santa Catarina, que era o melhor time do estado, digamos. Porque já tinham ganhado uns quatro, cinco, campeonatos estaduais, mas eu não sabia, só sabia que era um time forte. Depois desse jogo, o meu treinador... Quando eu era criança, o Pedro¹, ele conhecia um treinador desse time de Caxias, eles fizeram contato e a partir dos treze, eu comecei a treinar nesse time que era mais ou menos profissional, mais adulto.

C.M. – Bom, e qual é o nome daquela escolinha?

V.P. – União.

C.M. – E como foi? Por que você ingressou nessa escolinha, era futebol ou futsal?

V.P. – Futsal.

C.M. – Por que ingressou?

V.P. – Porque eu acho que por ter meu irmão lá dentro e por gostar, eu falei para o pai e para a mãe: “Eu quero aprender a jogar futsal, não só jogar por brincadeira, mas ser algo”, eu gosto de ter algo competitivo. Mostrar o que eu sei, aprender o que eu não sei e com o tempo poder mostrar tudo que eu aprendi durante os anos. E eles me colocaram, mais para ter um passatempo durante a tarde, durante a manhã, porque eu estudava de tarde. Para eu não ficar em casa dormindo, jogando “vídeo game”. Eu achava importante ter um lugar para correr, que eu pudesse gastar toda a minha energia para depois ir para o colégio.

C.M. – Quem foi a pessoa que mais apoiou você quando estava naquela escolinha?

V.P. – Meu pai foi o que mais apoiou. Ele ia aos jogos, e quando saía, ele falava: “Tu deveria ter feito isso e isso e isso.” Mas não aqueles pais que começam a gritar no meio dos jogos, ele chegava: “Ah! Tu treina isso, eu vi que faltou.” Ele me apoiava bastante “Não desiste desse teu sonho!” E sempre apoiou assim desde criança.

C.M. – A escolinha ficava perto de casa?

V.P. – No início ficava meio longe, ele e a minha mãe me levavam. Depois de um tempo, meu irmão... A gente se mudou, foi para um lugar mais perto, aí eu e meu irmão íamos a pé, eram duas quadras de casa. A gente ia a pé, me largava, conforme ia ficando mais velha, eu mesma ia sozinha, tranquilo, de manhã.

¹ Nome sujeito a confirmação.

C.M. – Você como se organizava para realizar as atividades acadêmicas e se dedicar ao futsal?

V.P. – De manhã eram três vezes por semana os treinos: segunda, quarta e sexta. De manhã eu fazia a escolinha, depois voltava para casa, tomava um banho, comia e saía para o colégio. De noite quando eu chegava, fazia todas as tarefas, deixava tudo pronto, mesmo não tendo treino na terça e na quinta, eu gostava de fazer tudo de noite para eu poder descansar, dormir até a hora que eu quisesse. E assim eu fui conciliando, fazendo sempre as tarefas de noite, a minha mãe me ajudava nas tarefas e de manhã eu só precisava acordar para treinar.

C.M. – Seus amigos que moravam perto de casa, eles sabiam que você estava na escolinha de futsal?

V.P. – Sim. Eles sabiam. Tanto que os meus colegas de aula, eles faziam a escolinha também. Então, a gente se via todos os dias, todos os turnos, de manhã e de tarde, e a convivência acabou se tornando muito forte, justamente por causa do futsal, porque eles viram que eu jogava bem, aí era: “Vanessa, vem jogar” Aí foi tendo essa integração.

C.M. – Vamos falar mais dentro da escolinha. Como eram os treinos dessa escolinha?

V.P. – Era bem analítico no início: como se faz o passe, se faz o chute, como se cobra lateral, falta, todas as regras. Depois tinha uma parte situacional, que era dois contra um, três, e assim vai aumentando. E depois tinha exercício de chute, o quadrado que a gente faz hoje, e no final do treino tinha um coletivo que o professor orientava, parava o jogo, fazia jogada ensaiada. Então era um treino completo, mesmo que para crianças de seis anos, era importante. O bom é que ele ensinava todos os fundamentos e já colocava dentro de jogo, depois tinha um coletivo para deixar as crianças felizes.

C.M. – E na escolinha eram quantos meninos e quantas meninas? Era misto?

V.P. – Não. Só tinha eu de menina e uns quinze, dezesseis meninos, por aí. Mais ou menos nessa faixa.

C.M. – Eles não tiveram problema nenhum para aceitar você na escolinha?

V.P. – Não tiveram, eles acharam até interessante para poder estimular mais meninas a irem jogar, treinar. Acharam interessante, gostaram muito.

C.M. – Como foi a sua experiência de ter só colegas meninos nessa escolinha?

V.P. – Ah! Eu achei normal, porque na escola mesmo, eu só brincava com os meninos. Porque eu gostava de jogar futebol, então, era eu no recreio com os meninos e eu nunca me importei, eles também nunca se importaram, sempre me trataram super bem. E até hoje a gente se vê de longe, lembra dos tempos, dá risada e é super tranquilo.

C.M. – E nessa escolinha, as pessoas que iam nos treinos, professores, eram só homens?

V.P. – Sim.

C.M. – Alguma professora?

V.P. – Não, não tinha. Tanto que eu acho que nessa escolinha nunca teve uma professora menina, porque até por ser uma época mais antiga, era difícil ter professora menina, era mais fácil ter um professor de educação física, ou que jogasse futsal menino, do que menina.

C.M. – Qual ano que era esse?

V.P. – Mais ou menos por 1998, 1999.

C.M. – Como poderia você descrever a experiência dentro dessa escolinha? O que significou?

V.P. – Acho que foi muito importante porque se eu não tivesse essa vivencia, ter toda essa experiência de ser a única menina, de jogar em outros lugares, de jogar com pessoas

diferentes. Eu acho que eu não teria aprendido metade do que eu sei até hoje. Foi o patamar, a base que eu tive para poder continuar a jogar futsal, e estar jogando até hoje. Se eu não tivesse isso, não é nem tanto só a questão do futsal, os fundamentos, mas sim da convivência que a gente tem com o time, com o professor, com o técnico da escolinha. Ele era como o segundo pai para a gente e os colegas eram tipo irmãos, se estava mal, a gente ia perguntar como é que é, como é que ele está, se precisava de alguma coisa, mesmo a gente sendo criança, já era algo inconsciente. Acho que foi muito importante toda essa experiência para eu poder ser o que eu sou hoje.

C.M. – E você competia com o nome da escolinha?

V.P. – Sim, a gente competia.

C.M. – E como foram essas competições?

V.P. – Ah! Tinha todo ano a competição que eu te falei antes, entre municípios pertos. E a gente sempre ficava entre primeiro e segundo lugar. Geralmente era em segundo, porque tinha um time de Veranópolis que ele era muito bom, eram umas categorias de base para o adulto, profissional. Só teve um ano que a gente ganhou, que foi inesquecível, que foi o ano em que eu saí. A gente ganhou, fechando com chave de ouro, que os guris também não foram mais treinar, já tinham o limite de idade, e foi o ápice da gente ganhar do time. A gente tinha uns nove, dez anos. Mas a gente sempre ficou assim, entre primeiro, segundo.

C.M. – Você me falou que não continuou treinando porque seu pai não...

V.P. – Eu parei de treinar dos onze para os doze, foi mais ou menos na mesma época que a gente passava da quarta para a quinta série. Era de manhã, a gente começava a estudar de manhã e os meus colegas estavam começando a ficar maliciosos, ter toda aquela ginga de menino, que vai se tornar homem. Não sei por que ele tinha medo, então ele falou: “Tu não vai mais treinar, porque eu não quero que tu, agora que eles estão entrando na puberdade, não que quero que tu treine com eles, porque eles vão ficar mais fortes e tu pode te machucar”. E eu: “Tá bom né”, mas nunca... Tanto que no colégio continuava a mesma coisa quando eu era criança, jogava com os guris, eles me respeitavam e a gente tinha

quase a mesma força. Algo que o meu pai viu que não tinha muito o porquê, mas eu respeitei e aceitei a escolha dele.

C.M. – E depois que você deixou de ir para aquela escolinha, continuou jogando só na escola, no colégio? Foi quando entrou no time de Caxias do Sul?

V.P. – É, um pouco antes. Dos doze aos treze eu treinei no time do município mesmo, da cidade, que era das mulheres de 25 a 35 mais ou menos. Depois dos treze, eu comecei a treinar no time de Caxias, mas nunca parei. Parei no máximo uns seis meses, de treinar em uma escolinha, mas sempre no colégio estava jogando, todo recreio, todo dia estava eu lá na quadra jogando com quinhentos mil guris e toda feliz.

C.M. – Você estudou em uma escola pública ou particular?

V.P. – Eu estudei em uma escola particular.

C.M. – E como foi essa experiência dentro da escola, nas aulas de educação física? Como eram planejadas?

V.P. – Eu achava as aulas muito legais. Sempre no futebol, a professora já sabia, e já me botava: “A Vanessa vai para os guris e as gurias jogam separadas”, porque as gurias não sabiam jogar. Aí os guris nem falavam nada, ainda ficavam feliz, porque eu era uma das que melhor jogava e não era aquele negócio de melhor jogar... Eu ficava na linha, eu fazia o joguinho ali, passava para todo mundo. Não era aquele negócio de baixar a cabeça e driblar todo mundo e fazer o gol. Eu era bem coletiva, e as professoras sabiam, a partir disso, teve gurias dentro do colégio que começaram a jogar futebol, porque viram: “Se tem uma menina jogando com os guris, porque eu não posso?”, se fazendo aquela pergunta: “Se ela pode, porque eu não posso?” E aí, o futebol feminino, as gurias começaram a praticar mais e mais, e hoje no colégio é mais ou menos parelho, quem joga futsal é tanto menina quanto menino. E tem meninas que jogam melhor que meninos e os professores entendem super de boa.

C.M. – Quando faziam essa divisão, na sala de Educação Física, o que elas praticavam enquanto vocês jogavam?

V.P. – Pular corda, vôlei, acho que era mais isso. Pular corda e jogar vôlei, elas ficavam do lado da quadra e a gente ficava jogando, depois de um tempo, trocava, os meninos ficavam do lado de fora da quadra, eu estava junto com os meninos, e as meninas iam jogar futsal. Mas não era só futsal e voleibol, era feito por três trimestres o ano. E em cada trimestre o professor dava um esporte, um era futsal, um era vôlei e um era handebol, por exemplo. Então a gente não tinha o que discutir, a gente só jogava o que o professor mandava, eram muito boas as aulas, por fazerem essa divisão, para todas as crianças poderem experienciar os três esportes que eram mais visíveis, que tínhamos mais contato na época.

C.M. – Mas essa divisão de meninas e meninos era mais porque elas, por exemplo, no momento de jogar futsal elas também jogavam futsal, sim?

V.P. – Não, as da minha turma não. As das turmas mais novas, depois de um tempo, começaram a jogar. Mas as da minha turma não sabiam jogar.

C.M. – Quando era futsal, elas não jogavam?

V.P. – Não, elas nem queriam. “Ah! Futsal, que coisa chata.” E sentavam, depois iam jogar vôlei, ou pular corda.

C.M. – E quando você estava na escola, qual era a principal motivação para você jogar também?

V.P. – Eu acho que era poder brincar, dar risada, sempre foi a integração, vez quem era melhor, e poder ver se eu conseguia competir com o melhor. Era sempre uma questão competitiva para ver, mostrar, que eu era a melhor guria, que eu podia ganhar de guris. Sempre foi assim.

C.M. – Dentro da escola era incentivada a prática de futsal, ou futebol?

V.P. – Sim, era bem incentivada a prática de futsal, tanto que depois de uns anos a escola começou a entrar no JERGS² que são os jogos Universitários daqui, mas de escolas do Rio Grande do Sul. Então, a gente começou a treinar e treinar e cada mês apareceram mais gurias querendo aprender: “Como se joga? Quero aprender.” E a gente, no último ano do que eu estive no colégio, terceiro ano do ensino médio, a gente jogou o JERGS, mas como a gente era escola privada, a gente não podia avançar de fase, mas a gente foi jogar só com os times do município ali. Então, a gente ganhou um jogo e empatou outro, ficamos em segundo lugar. Tanto que até hoje o colégio joga esses jogos para incentivar as meninas a jogar futsal. Eu acho que foi importante assim, foi um marco a gente começar a treinar para incentivar as meninas do colégio a jogarem.

C.M. – Quais foram as experiências mais significantes para você que lembra sobre a prática de futsal dentro da escola?

V.P. – Da escola. Da escola sempre tinha as interséries que eram jogos entre turmas, cada turma disputava contra outra turma e tinham duas categorias, digamos da quinta série até a oitava e depois do ensino médio, primeiro até o terceiro. E logo que eu entrei na quinta, teve essas interséries e eu lembro que teve um jogo que foi treze a zero para a minha turma, eu fiz doze e dei um passe para uma guria jogar, chutar no gol. Daí a professora de educação física estava apitando e ela falou assim para mim: “Pára de fazer gol e passa para as gurias”. Aí eu fiquei séria: “Mas elas não fazem.” Acabou que a gente conquistou o primeiro lugar na quinta série, na sexta, na sétima, e na oitava entraram meninas de fora que tinham bolsas por uma empresa de Nova Prata, começou a ficar um jogo mais pegado. E entre a oitava e terceiro ano a gente ganhou também, mas era um negócio mais pegado, mais sério, mais forte e as gurias que não sabiam muito, já tinham medo e tal. Mas eu acho que o que mais marcou no colégio foram essas interséries, porque todas as turmas tinham que ter um time para incentivar essa prática e com o passar do tempo as gurias foram cada vez jogando mais e não se importando se era futsal, não tendo medo de chutar a bola e até hoje tem, eu acho, e é bem importante.

C.M. – Isso acontecia só com o futsal ou com outras modalidades também?

² Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

V.P. – Não, acontecia com o vôlei também e no ensino médio acontecia com o handebol, que tinham os mais velhos que tinham mais domínio, eles sabiam como jogar melhor e sempre teve esses três esportes juntos no colégio.

C.M. – Você continuou fazendo o ensino médio nessa instituição?

V.P. – Sim, sim.

C.M. – E no ensino médio você também continuou jogando, com a mesma dinâmica, tudo igual?

V.P. – Sim, tudo.

C.M. – Então, você quando estudava no ensino médio jogava também fora do colégio?

V.P. – Sim, eu jogava. Comecei a treinar com trezes anos no time de Caxias do Sul e lá eu treinava três vezes por semana: segunda, quarta e sábado. Mentira, era terça, quinta e sábado. Na terça, como era um time profissional, era só preparação física, duas horas de preparação física, mais uma hora e meia de jogo, uma hora de treino de coletivo. Na quarta mudava o ginásio e era um ginásio maior, então a gente treinava jogadas e marcação. E no sábado era mais coletivo, mas além de mim tinha uma menina mais nova, não que eu, mas mais nova antes, tinha dezesseis anos, eu tinha treze. O resto tinha de dezenove a trinta, trinta e dois. Então era um time considerado adulto, e durante os finais de semana tinham o time que eu joguei, nove dos onze aos doze ali, o primeiro time que eu joguei de futsal feminino. Elas jogavam torneios perto da cidade e me chamavam: “Tu pode jogar?” A gente conseguia transporte, elas conseguiam transporte, ou elas iam de carro e a gente ia jogar os torneios nos finais de semana. E nesse time de Caxias do Sul, começou a ter um campeonato lá em Caxias mesmo, sábados e domingos. Mas ou era sábado ou era domingo, entre vários times de Caxias do Sul, como Caxias do Sul é grande, tinha uns vinte poucos times de futsal feminino. Tinham duas categorias: a prata e a ouro. Então esse time de Caxias, tinha dois times: um mais novo que era da série prata e o da série ouro era o que jogava o estadual, que era o principal. Eu comecei a jogar primeiro pelo time da categoria prata para ter a experiência, aí no primeiro jogo, eu me lembro, uma pressão

enorme, eu tocava na bola e já vinha uma guria me marcar e eu: “O que eu faço, o que eu não faço?” Aquela pressão que toda menina tem quando é o primeiro jogo oficial e tal. Mas com o tempo, eu fui crescendo no time e no final desse campeonato, eu já estava no banco das gurias da categoria ouro, vendo como que elas jogavam, a forma de sair, a movimentação delas. Já estava tudo meio que treinado isso durante os treinos da semana e nos sábados.

E eu acho que foi interessante, porque eu tinha quatorze, e o meu técnico ali do time me falou que só não me colocava para jogar o estadual, porque eu era menor de idade, tem um limite de idade de dezesseis anos. Que era para eu continuar a treinar que eu estava indo bem, mas ele só podia me colocar nesses campeonatos regionais, não estaduais. Com o tempo, nesses jogos, eu já fui me soltando mais, tendo experiência: “Não preciso ter medo” sem ter aquela pressão inicial e eu acho que isso foi o que me fez gostar mesmo, continuar a jogar: “eu sei que eu posso, eu sei que eu consigo”. Todo mundo fala, todos os meus técnicos: “Tu vai conseguir ser melhor, tu já é boa, mas tem que treinar.” E eu naquele pensamento: “Se eu não acerto um passe, vou ficar treinando passe para eu conseguir, ter confiança, para treinar, para ter mais experiência.” E para poder jogar o que eu realmente jogava nos treinos, porque geralmente quem é nova, nos treinos joga super bem e na hora do jogo, tem aquela pressão, então ela não consegue mostrar todo o futebol que ela tem, as habilidades dela, enfim. Eu fui começar a treinar nisso e isso, e as gurias do time me ajudavam muito: “Tu tem que fazer isso, toca e sai, vai pra lá.” Então, eu fui aprendendo muito com esse time, a questão mais profissional do futsal que se joga hoje, eu aprendi, digamos, com esse time. Quando eu era criança, aprendi isso na escolinha, mas o modo de jogar, eu aprendi com esse time de Caxias.

C.M. – E como era a relação com as colegas?

V.P. – Elas eram muito engraçadas, por mais que eu ia só três vezes na semana treinar, elas tinham como se eu fosse uma irmã para elas. Por eu ser menor, elas brincavam comigo. Mas na hora de jogar, elas explicavam direitinho, falavam, chegavam forte para eu perceber que no jogo as adversárias não vão chegar, só porque tu é menor, não vão chegar menos forte, elas vão chegar do mesmo jeito que elas chegam em uma pessoa normal. Eu

fui criando massa muscular, criar corpo para poder jogar com elas e contra os times que jogavam com o Santa³.

C.M. – Você entrou nesse time de qual a qual idade?

V.P. – De treze aos quinze.

C.M. – E tinha que treinar três dias por semana?

V.P. – Sim.

C.M. – Como fazia para se organizar também nas outras atividades?

V.P. – Do colégio?

C.M. – Sim.

V.P. – Era difícil, porque a partir do ensino médio, eu tinha todos os dias de manhã, como todo mundo, mas além dos cinco dias de manhã, eu tinha três aulas à tarde: da uma e meia as cinco e dez. Então, às vezes, na quarta, que era o horário que eu tinha aula, eu saía um pouco antes das aulas, eu saía lá por quatro horas, quatro e dez, quatro e meia no máximo. Para poder chegar em Caxias e treinar sete horas, e das sete eu treinava até as nove. As nove, eu voltava para Nova Prata, dava umas duas horas de viagem, eu chegava perto da meia-noite, tomava um banho, comia e deitava para ir a aula no outro dia. Então os dias que sobravam era terça e quinta e os finais de semana, alguns, que não tinha torneio, para eu poder fazer os temas de casa, estudar para as provas.

C.M. – E nessa época, qual era a sua motivação principal?

V.P. – Eu acho que era jogar um jogo oficial. Mostrar que eu podia ser titular nesse time de Caxias. Motivação era essa, porque as gurias eram boas, elas tinham sido campeãs estaduais, então, eu queria mostrar que eu podia estar ali no meio, que eu podia fazer

³ Colégio Santa Catarina, de Caxias do Sul.

diferença, mesmo eu sendo de longe, podia me esforçar, mostrar o futebol que eu achava que eu tinha, que eu tenho.

C.M. – Por que você saiu do time?

V.P. – Por questão de horário mesmo, porque a partir da metade do segundo ano do ensino médio, eu não aguentava mais, porque era muita correria. Todos os dias, eu não parava em casa de noite, de manhã tem que acordar cedo, então eu não aguentava a carga horária que era imposta tanto dos treinos, tanto no colégio. Então, eu decidi parar por um tempo para me focar mais nos estudos, para poder passar em uma universidade, para eu fazer o que eu queria. Mas mesmo assim, durante os finais de semana... No meu terceiro ano do ensino médio, teve um time que começou a me pagar para eu jogar, era um time mais do interior. Então eu treinava com ele uma vez por semana, que era mais tranquilo, porque dava uns trinta minutos da minha cidade, não davam duas horas, então uma diferença bem grande. Eles me pegavam em casa, me deixavam em casa, nos dias de jogo eles me pagavam um valor que a gente tinha combinado para eu jogar nos finais de semana e treinar com eles. Então eu decidi me focar mais nos estudos, mas não deixei de jogar o futsal do final de semana e treinar uma, duas vezes na semana.

C.M. – Qual era o nome desse time?

V.P. – AFEPAL.

C.M. – E eles pagavam para você, era uma bonificação?

V.P. – É. Não era grande coisa, mas já ajudava sim. Para eu poder me virar, comprar as minhas coisas, o que eu queria, se eu queria tomar um sorvete, eu ia lá e pagava com esse dinheiro. Eu fazia minhas coisas com isso.

C.M. – Mais ou menos, quanto era?

V.P. – Ah! Eram uns setenta por jogo, por aí.

C.M. – Quando você tomou a decisão de parar no time de Caxias, foi própria?

V.P. – Não. Foi própria, porque eu vi que se eu continuasse, eu não ia aguentar, eu não ia me sair bem tanto nos estudos, quanto no futsal, aí eu optei pelos estudos, por ser mais importante para mim, sendo que no futsal, eu podia retomar mais adiante, mas os estudos eu não podia perder. Perder mais um ano, de repente, eu preferi me focar nos estudos.

C.M. – E teus pais, o que achavam disso? Quando viram que você estava assim?

V.P. – Minha mãe conversou comigo, minha mãe... Ela expôs a opinião dela. Ela também me ajudou bastante a tomar essa decisão, porque eu não tinha coragem de largar um e focar só no outro. Eu gostaria de ficar nos dois. Mas ela falou: “Quem sabe tu larga por um pouquinho, continua treinando ali no Projeto Segundo Tempo⁴, brincando, jogando futebol, mas nada muito sério. E depois que tu acabar o ensino médio, a gente repensa, vê o que tu quer, se tu quer continuar a jogar profissional, aí a gente vai buscar esse teu sonho.” Mas ela falou: “Eu acho que o mais importante agora é tu focar nos estudos, que é algo que vai te proporcionar um futuro, porque o futsal não é, não tem nada concreto, e se formar no ensino médio, para tu ter uma formação pelo menos mínima, para poder planejar uma coisa mais futuramente.” Então ela me ajudou demais. E com a ajuda dela e do meu pai, eu tomei a decisão de largar um pouquinho o futsal e focar mais nos estudos.

C.M. – E aquela experiência com o Segundo Tempo, o que consistia?

V.P. – É um projeto que tem no Brasil inteiro que é para as crianças não ficarem paradas em casa, sem fazer alguma atividade física. Então, eles davam futsal, vôlei, faziam recreação, davam aula de tênis. Tinha uma quadra de tênis do lado. Então eles faziam todas as crianças criarem... Porque era de diferentes camadas da sociedade, digamos, umas mais ricas, outras mais pobres, outras de classe média. E todo mundo tinha que conviver junto, praticar as mesmas coisas, vários esportes, várias situações, e eu achei que eu conversando bastante com as professoras, que estavam fazendo educação física na faculdade de Caxias do Sul, elas faziam estágio ali no programa segundo tempo. Então eu conversando com elas, como eu já tinha mais idade, eu era do segundo ano do ensino médio, eu comecei a

me interessar bastante por essa área de recreação e interação, de mostrar todos os esportes que podem se ter com diferentes bolas, sensações e eu achei muito interessante. Então, a partir mais ou menos do primeiro, segundo ano do ensino médio, eu já tinha na cabeça que eu queria fazer educação física. E elas foram muito importantes para me mostrar o que era ser estagiária de educação física, como era gratificante mostrar, mas ao mesmo tempo, difícil. Porque apesar de ter pessoas da alta e média sociedade, tinha pessoas da classe mais baixa, que as crianças levavam problemas lá para dentro; então, elas tinham que dar, ser uma psicóloga, meio uma mãe, para ajudar a resolver, para a criança poder dar o seu melhor ali, esfriar a cabeça, só pensar no esporte ali, distrair um pouco, para poder relaxar.

C.M. – E depois que você foi parte desse time, aquele que era trinta minutos de distância, até quando você jogou futsal?

V.P. – Eu joguei até os dezessete, foi um pouco depois de entrar aqui na universidade, na verdade. Porque eu treinava no time de futsal e nos finais de semana que tinham jogos, eles me pagavam a passagem, mais os setenta que a gente tinha combinado. Então, eles me pagavam a passagem, eu ia para lá, ia para Nova Prata, que a minha mãe morava lá, então eu ficava lá, eles me pegavam, a gente ia jogar. Isso geralmente nos sábados. Chegava sábado lá pela meia-noite e meia, uma hora da manhã, dormia, almoçava e tal, e voltava para Porto Alegre no domingo. Tinha toda a semana. Geralmente era todos os fins de semana ou de quinze em quinze dias. Então, eu geralmente ia para casa de quinze em quinze dias, mas eles pagavam minha passagem de ônibus, mais o que a gente tinha acertado.

C.M. – Então você ingressou na UFRGS⁵ em que ano?

V.P. – 2012, na segunda parte, a partir de agosto, 2012-2.

C.M. – E como você conheceu o time da UFRGS?

⁴ Programa Segundo Tempo desenvolvido pelo Ministério do Esporte.

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

V.P. – Eu ouvi falar que tinha um time de futsal, logo que eu entrei. Tinha uma guria que era de Nova Prata também e treinava no time, mas agora ela saiu, mudou de esporte, mas enfim, ela falou: “Quem sabe tu tenta ali, porque o time é bom e tal. Mas eu acho que tu vai passar na peneira.” Eu fui assistir um treino, falei com o técnico que era o Jeff⁶, e perguntei se tinha vaga no time, se eu tinha que fazer algum treino, treinar algum dia. E naquele dia que eu falei com ele, eu fiquei no treino olhando e depois no outro dia, se eu não me engano foi na quinta, eu fiz a peneira, ou no sábado, não lembro qual dos dois dias. Foi no sábado que eu treinei junto com as gurias, normal e depois, no final do treino, ele disse que me daria o “feedback”, se eu tinha passado, se eu não tinha. Eu treinei normal, como eu estava acostumada com o time de Caxias, eu treinei do mesmo jeito. Ele falou: “Claro que tu está dentro.” E foi por causa disso, por causa de uma indicação de uma amiga minha que era de Nova Prata, que eu conheci o time da UFRGS, que eu sabia que tinha sim. Porque quando eu entrei, eu não fazia a mínima ideia se tinha time, se não tinha. Por causa dessa indicação, eu fiquei: “Bah! Que legal.” Porque geralmente é difícil tu conseguir gurias que gostem de jogar, e jogam em alto nível. Eu achava que era só em times profissionais, mas eu achei muito interessante a universidade disponibilizar os horários e para quem quisesse e fosse da UFRGS, entrar e jogar no time de futsal.

C.M. – Você apenas ingressou na universidade pelo time ou passou algum tempo, um ano?

V.P. – Não. Logo que eu entrei. Em julho, por aí. Em agosto, setembro no máximo, eu estava no time, já estava treinando.

C.M. – E aqui no time da UFRGS, o que motivou você a fazer parte da seleção do futsal?

V.P. – Porque eu acho que eu não conseguiria ficar sem jogar. Não sei se era por a gente ser novo e da gente ser “bixo”⁷ aqui dentro, todos os dias a gente ia para a quadrinha de futsal e jogava futebol, ou pelo menos trinta minutos. Depois que eu entrei no time, estava se aproximando de uma competição, e eu: “Bah! Vou me esforçar para estar nessa competição. Por mais que eu seja nova, eu sei que eu tenho capacidade. Eu quero estar presente, pelo menos se eu estiver no banco, eu já estarei muito feliz para ver como que é a

⁶ Jeferson Dickel.

⁷ Palavra usada no contexto universitário que faz referência aos calouros.

sensação de estar no banco de um jogo universitário” Acabou que em outubro teve a Copa Unisinos⁸ de 2012. Então eu era banco, no time titular tinha: a “Su”⁹ e a “Re”¹⁰. Logo que eu entrei, as gurias foram muito braços abertos para mim, começaram a brincar comigo, fui me soltando mais no time. E chegou em outubro, a gente jogou contra as equipes, contra a Ulbra¹¹, eu vi a rivalidade que tinha, eu vi Feevale¹², vi a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Federal de Santa Catarina, e eu fiquei impressionada com o tanto de gente de cada universidade que tinha nesse campeonato, que eu pensava: “Bah! É só profissional ou amador.” Mas o universitário é algo que tu não consegue... Eu estando fora, não conseguiria imaginar que tinha competições assim, que fizessem essa integração, que tivessem tantas gurias boas jogando futsal em uma universidade. Então eu achei muito interessante.

C.M. – Como tem sido essa experiência dentro do time?

V.P. – Eu acho o time virou uma família. Desde que eu entrei, é a minha segunda família. Digamos a primeira, porque é aqui de Porto Alegre, mas tirando a minha família mesmo, o time da UFRGS não tem nem como explicar. Só em falar em time de futsal feminino da UFRGS, já dá um orgulho, porque eu sei tudo que a gente passou, tudo que a gente batalhou para estarmos aqui hoje, com o nome que a gente está. Todo mundo que fala: time de futsal feminino da UFRGS respeita hoje, o que antes não tinha. E a gente batalhou demais durante esses três anos para conseguir formar esse nome que hoje a gente tem.

C.M. – O que significa para você, ser parte dessa equipe?

V.P. – Eu acho que é um momento especial, um privilégio, porque a UFRGS é muito grande. Tem muita gente, muita gente de vários lugares, e estar nesse time quer dizer que tu é realmente boa, que tu é especial, tu joga bem e tu se esforça para isso. É algo maravilhoso que eu não tenho nem como muito explicar, porque estar entre as vinte do time da UFRGS é gratificante. Não tenho muito como falar, é uma sensação muito boa.

⁸ Universidade de Vale do Rio dos Sinos.

⁹ Suellen dos Santos Ramos.

¹⁰ Renata Fragoço Máximo.

¹¹ Universidade Luterana do Brasil.

¹² Universidade Feevale.

C.M. – Poderíamos pensar qual a principal motivação para você ser parte desse time?

V.P. – Hoje, eu acho que é poder passar a experiência que eu tive desde criança para gurias que começaram a jogar depois, que estão chegando agora no time da UFRGS, para não deixar, digamos, esse fogo, essa coisa de guria parar de jogar, porque não sabe como que é. Dar essa continuidade, menina poder jogar futsal, pode e continuar assim, cada vez melhorando mais. Acho que esse é o grande tema que eu tenho essa motivação. Outra motivação, por caráter de competitividade, é estar de novo no JUGS¹³ e no JUBS¹⁴, porque quando tu vai para o JUBS, como a gente foi ano passado, tu vê que tu é muito pequena, que tu é uma pequena peça no futsal feminino do Brasil, porque o Brasil é gigante e tem muitas gurias tendo o mesmo sonho que tu, e tu vê que tu não tá sozinha. E eu acho que era isso. A maior motivação é passar essa experiência e poder chegar no mais alto nível do futsal universitário.

C.M. – E você acha alguma diferença na prática de futsal no Ensino Médio e agora na Universidade?

V.P. – Sim. No Ensino Médio tu joga mais porque tu gosta. Na Universidade também, tu joga porque tu gosta, mas tem o caráter mais competitivo, porque tem mais competições, tu tem oportunidade de ir para mais lugares. E eu acho que é importante ter o resultado para a pessoa não perder a motivação de treinar: “Eu quero treinar” “Por que eu quero treinar?” “Eu quero treinar para chegar em algum lugar, em algum jogo, ir disputar o brasileiro.” Eu acho bem importante, que no Ensino Médio eu não acho que tenha. É bem mais difícil.

C.M. – Você considera que a Universidade apoie o time da UFRGS de futsal?

V.P. – Depende muito, na verdade. É importante darem o tempo para a gente treinar. Durante as competições eles dão algumas coisas, mas eu não sei se é só no futsal mesmo ou nos outros esportes, que mesmo eles pagando algumas coisas, a gente tem que tirar do nosso bolso para pagar outras. Então, eu não sei se é só na UFRGS assim, não sei como é

¹³ Jogos Universitários Gaúchos.

¹⁴ Jogos Universitários Brasileiros.

que são nas outras Universidades Federais, mas eu acho que eles deixam um pouquinho a desejar, ajudar um pouco mais, um pouquinho mais de incentivo, porque às vezes, muitos times não vão jogar campeonatos porque algumas coisas eles tenham que pagar e talvez eles não tenham dinheiro. Porque as vezes é difícil para a pessoa se manter em Porto Alegre e tirar, ao mesmo tempo, dinheiro para jogar, representando a Universidade. Então eu acho que deixa um pouco a desejar, mas eles ajudam bastante.

C.M. – Em que eles apoiam a Universidade?

V.P. – Eles apoiam em estadia, almoço. Que eu lembre é, mais ou menos, isso. Aí tem os uniformes.

C.M. – Os uniformes são só para vocês, ou tem que compartilhar com masculino?

V.P. – Não. Tem o feminino e o masculino tem o deles. Mas a gente não fica com os uniformes. A gente joga, devolve, aí o treinador fica com todos e caso mude o treinador, ou tu saia, o uniforme não fica contigo, fica com quem está no comando do futsal feminino.

C.M. – E esses uniformes, nunca entregam para as jogadoras? O que fazem com tantos uniformes de cada ano?

V.P. – Não, eles não trocam em cada ano. Tem um uniforme, acho que está a mais ou menos uns três, quatro anos, no futsal feminino, que é o tradicional que a gente tem. No ano passado, por causa do brasileiro, a gente mandou fazer mais um, então temos dois uniformes, digamos. Mas se tiveram anteriores, eu não sei o que aconteceu, se estão guardados, se não está.

C.M. – Nunca entregaram para vocês?

V.P. – Não, não. A gente não fica com nenhum.

C.M. – Agora vamos falar um pouco mais do significado que tem da prática de futsal para você. O que significa?

V.P. – Hoje eu acho que é um lema de vida. Estudar, jogar futsal e mostrar para todo mundo que eu e o meu time, nosso time, a gente pode chegar a um lugar mais alto e mostrar que as meninas realmente sabem jogar futsal, podem jogar futsal. Só porque são meninas, não quer dizer que elas não saibam, ou saibam menos que os guris. Eu acho que é isso. Pretendo não parar de jogar, até eu não aguentar mais.

C.M. – Como você pode descrever a sua experiência como mulher que joga futsal?

V.P. – Eu acho difícil, porque tem muito preconceito. Por mais que nos dias de hoje já esteja menos, logo que... Lá pelos quinze, dezesseis, a gente ouvia falar que quem jogava futsal era “mulher que queria ser homem”. Que futsal era coisa de homem, futebol era coisa de homem e mulher tinha que ficar em casa, lavando a louça, cuidando dos filhos, cozinhando e não podia jogar futsal. Então sempre foi, mesmo em outros estados, que mulher não sabe jogar futebol. Então, acho que essa, a parte mais difícil não é jogar futsal, é mostrar que a mulher pode jogar. Porque ser mulher e jogar, tu leva um fardo muito pesado de toda a sociedade falar desde sempre que mulher não pode jogar. Então tu tem que jogar bem, mostrar que tu sabe jogar, mas ao mesmo tempo tu tem que mostrar que tu é mulher: que tu gosta de se arrumar, que tu bota salto, que tu bota saia, que tu se maquia quando precisa, não quer dizer que no jogo, necessariamente, tu tenha que jogar maquiada, mas fora do jogo não quer dizer que tu tenha que estar de calção e chuteira. Eu acho que tem muito esse de oito ou oitenta: ou tu é mulher e joga futsal que sempre fica de bermuda ou calção, ou tu é mulher que não joga futsal e que anda sempre arrumada. Mas tem esse meio termo de mulher que na hora de jogar futsal está com roupa adequada para jogar e fora disso está com uma roupa de mulher, eu acho que é mais isso. A sociedade teria que entender que tem mais esse meio termo, de mulher na hora de jogar e na hora de não jogar.

C.M. – Alguma vez aconteceu algum episódio de preconceito?

V.P. – Ah! Eu acho que já aconteceu várias vezes, mas nada que tenha me marcado muito. Porque eu, desde sempre, nunca dei muita bola para isso, se quiser falar vai continuar falando sozinho e eu vou jogar meu futsal, depois vou embora.

C.M. – Você acha que existe alguma diferença entre homens e mulheres que joga futsal?

V.P. – Não, eu acho que não. Por tudo que eu vivi, por estar no meio de meninos, para mim não teve diferença. Se eu tivesse nascido homem, digamos, eu seria tratado do mesmo jeito que eu fui tratada sendo mulher. Então, para mim não tem muito essa diferença. Talvez nos times estaduais tivesse diferença, que eu joguei em dois, então a gente não tinha nada de patrocínio, a gente tinha que dar por conta própria, a gente tinha que treinar em Gravataí, pegar ônibus, depender de carona, e se fosse masculino, já seria diferente. Porque eu tenho conhecidos que jogaram em Nova Prata, que hoje jogam série ouro e tal, eles tem todo o suporte possível, eles têm médico, tem fisioterapeuta. Eles têm tudo se eles se machucarem, eles vão ter para onde correr. O feminino não, feminino se tu se machucar, tu vai ao hospital se tu quiser de ônibus, talvez com a ajuda de algum amigo que tenha carro e tu tem que se virar, o masculino não, masculino já é diferente.

C.M. – O que de melhor o futsal trouxe para a sua vida?

V.P. – Eu acho que saber conviver com as diferenças, porque, principalmente, como eu te falei do segundo tempo, tinham vários níveis diferentes de camadas da sociedade, então eu tinha que aprender a respeitar cada um e ao mesmo tempo conviver normalmente, sem brigar. Nunca fui muito de brigar, mas respeitar cada um no seu nível e poder me relacionar com eles tranquilamente. Eu acho que essa parte de interação o futsal foi quem abriu as portas para mim, que joguei desde criança.

C.M. – E você acha que tem algum aspecto negativo dentro da sua experiência com a prática de futsal?

V.P. – Eu acho que não. Não lembro nada de negativo. Talvez o fato de correr riscos, tanto físicos quanto musculares. Mas isso qualquer pessoa, que pratica algum esporte, vai estar correndo riscos.

C.M. – O que o futsal significou para você antes, na sua infância, e o que significa agora, tem alguma diferença?

V.P. – Eu acho que agora tem um caráter mais competitivo, mais profissional. Quando eu era criança não tinha tanto, estava muito distante. Por mais que eu tivesse o sonho de ser uma jogadora profissional, eu não sabia se daqui a cinco anos eu ia parar, dez, o que ia acontecer comigo. Hoje tendo vinte, vinte e um, anos, eu já sei que é isso que eu quero, estou cada vez mais perto de conseguir isso e eu sei que eu posso chegar a isso, nesse meu sonho, só que só vai depender de mim. Então a diferença eu acho que, quando criança, é mais por brincar, hoje já é bem mais profissional, mas ao mesmo tempo tem a relação que quando criança, eu tinha que aprender com as diferenças e hoje também, cada um tem a sua diferença e eu tenho que respeitar, querendo eu ou não, eu respeito a opinião de cada um.

C.M. – Alguma vez você pensou em se dedicar só a prática de futsal, a ser esportista?

V.P. – Já pensei. Já pensei lá pelos... Quando entrei na equipe de Caxias do Sul, lá pelos treze anos, eu pensei em largar tudo e jogar, mas com o tempo, treinando lá, eu vi que não tinha muitas portas para se tornar uma jogadora profissional. Não pelo menos aqui no Rio Grande do Sul. E hoje, falando com pessoas que já jogaram para fora, aqui é o estado mais difícil de conseguir ser alguém, jogadora de futebol, de futsal profissional, e para poder deslanchar, tu tem que ir para outros estados, São Paulo, Paraná, se tu quiser realmente ser uma jogadora, para conquistar esse sonho que tu tem.

C.M. – Mais alguma coisa que você queira me contar relacionado com a sua experiência pessoal com o futsal?

V.P. – Só que eu não falei que eu joguei dois anos o estadual, logo que eu entrei aqui na Universidade em 2012, logo depois que eu entrei no time de futsal. O Jeff que era técnico do time, ele me fez uma proposta, estava acabando, estava mais da metade do campeonato estadual de 2012 e tinha um time de Gravataí que estava precisando de uma guria. Ele me propôs treinar, então os treinos eram em Gravataí, terça, quinta e sábado. Então, eu treinava aqui na UFRGS lá pelas cinco e meia às sete e meia. Depois daqui, eu, ele, a Jaque¹⁵ que joga aqui também, já jogava nesse time, a gente saía, pegava um ônibus até um lugar para o pai da Rê que é a goleira, nos dava carona para ir treinar em Gravataí. A gente

chegava meia noite, como eu morava sozinha e morava em um pensionato, o pensionato tinha horário para fechar. Então, a partir das onze, ninguém mais entrava lá dentro. Eu chegava meia noite em Porto Alegre e eu vou dormir onde?! Eu comecei a dormir no Jeff. Eles não nos pagavam nada, nem passagem, nem a gasolina que seu Máximo¹⁶ leva a gente, e nos finais de semana era a mesma coisa. A gente ia para lá, jogava, voltava, tudo ao nosso custo, sendo que esse time era um time estadual, um time profissional, digamos. Porque quem joga estadual, digamos que é profissional. Acabou que no primeiro jogo que eu joguei com eles, por não estar bem, por não ter feito reforço muscular, eu torci o joelho. Meu primeiro jogo, entrei uns quinze minutos na quadra, joguei e quando estava acabando o jogo, eu torci o joelho e fui para casa. Passei uma semana mal caminhando, porque eu tinha aula, eles não me deram auxílio nenhum, eu não tinha a quem recorrer, porque a minha família estava em Nova Prata, aqui eu não tinha plano de saúde e eu não ia ficar no SUS¹⁷, porque eu ia demorar muito tempo esperando lá, talvez eu nem acontecesse nada. Então, eu resolvi ficar em casa, botando gelo.

A gente acabou sendo campeão do estadual e quem é campeão do estadual vai para a Copa do Brasil, disputar como se fosse o JUGS, entre os melhores de cada estado, só que a nível profissional, não universitário. Mas chegou um dia que a gente fez um amigo secreto e o presidente desse time, falou que por mais que tivéssemos ganhado, não tínhamos condições de ir para a Copa do Brasil, porque eles não tinham patrocínio. Então, que a gente não ia ir, porque eles não tinham condições de nos bancar. Foi tranquilo, todo mundo aceitou, entendeu. No outro ano, em 2013, esse time não existe mais, se desfez. Em 2013, esse mesmo grupo de gurias que jogou no time, formou outro time, outra presidente, que parecia ser mais profissional, porque ela pelo menos dava passagem no início para as gurias irem treinar; só que a partir de um tempo, cada jogadora tinha um valor estipulado para ganhar por mês. Então, digamos que era bem profissional, no início foi assim, mas depois eu não entrei nesse time no início, porque eu estava com problemas no joelho. Fui fazendo fisioterapia, foi passando, mas eu sempre continuava treinando, nunca deixei de treinar. Eu pedi para a presidente para entrar no time, mas eu não ganhava nada, foi por amor à camisa, porque em todos os treinos eu estava lá assistindo os treinos, lá de fora olhando, querendo participar. Então, chegou um tempo, mais ou menos na metade do estadual, que as gurias não recebiam mais passagem, mais dinheiro, porque não tinha de

¹⁵ Jaqueline de Lima Machado.

¹⁶ Pai de Renata Fragoso Máximo.

onde tirar. Então voltou a mesma história do ano anterior: que a gente tinha que jogar, porque realmente gostava do esporte e tinha amor à camisa, tanto que teve algumas que desistiam, porque não iam receber, então elas largaram. E ficou quem realmente queria jogar pelo time e por nós, por nós a gente jogou em 2013, por nós. A gente acabou ganhando em 2013 de novo; a maioria das gurias foram bicampeãs e aconteceu a mesma história do ano anterior, a presidente chegou e falou que não tinha condições de nos levar para a Copa do Brasil e que ela não ia levar porque... Então, a gente ganhou dois anos seguidos e por causa de questões de patrocínio, que a gente não tinha, a gente acabou não indo para a competição máxima do profissional do Rio Grande do Sul e do Brasil, por questão de patrocínio. Isso dá uma desmotivada muito grande, porque tu estás te esforçando, tu chega a campeã e o teu time simplesmente não tem dinheiro para levar as gurias, e quem acaba ficando em segundo lugar, vai para a Copa do Brasil e joga no teu lugar. Então eu, por enquanto, não pretendo jogar mais estadual, porque não tem esse reconhecimento. Parece que é um jogo, só porque é jogo de mulher, não tem TV, não tem reportagem, não tem nada. Ainda mais a questão de cuidados, porque em 2012, como eu te falei, eu torci o joelho e não tive auxílio nenhum, tanto do time. Eu tive que me virar sozinha. Eu falei isso para a minha mãe e para as minhas amigas que eu só vou jogar o estadual a partir de agora se eu tiver certeza de médicos, se eles falarem que me dão auxílio, se eu receber, se eu receber passagem. Então, esses dois anos serviram de aprendizado para mim, muito grande, para não... Hoje o profissional, tu não pode ir só de amor a camisa, tu tem que pensar em ti primeiro, na tua saúde, para depois jogar.

C.M. – Então, muito obrigada.

V.P. – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁷ Sistema Único de Saúde.